

# Editorial

No presente número da Revista Contexto & Educação trazemos sete artigos resultantes do Café Científico da Universidade Federal do Paraná (UFPR), cujas atividades iniciaram em outubro de 2009, em parceria com as Livrarias Curitiba. O oitavo artigo aborda a questão da educação anarquista.

As Livrarias Curitiba abriram espaço em suas agendas culturais para a realização do Café Científico, que é um fórum de discussão, ócio, debate e reflexão, em que a conversa e o interesse pela pesquisa são os principais convidados. Trata-se de um espaço de convivência e interação informal com a cultura científica e o processo de reflexão, discussão de ideias, opiniões, dúvidas de um grupo de pessoas abertas para debater e refletir acerca de temas importantes. Os primeiros cafés científicos surgiram em Leeds, no Reino Unido, em 1998, e em 2011 ocorreu o primeiro encontro de organizadores de Cafés Científicos de todo o mundo, nos Estados Unidos.

No ano de 2010 a Educação em Ciências constituiu o foco das atividades do Café Científico da UFPR, em função do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática aberto na UFPR, no Setor de Ciências Exatas. As pesquisas em Educação em Ciências sobre a escola, os estudantes, os professores ou as políticas públicas relacionadas foram temáticas dos diversos encontros durante o ano. Os resultados de pesquisa apresentados em sete encontros dos cafés científicos da UFPR e Livrarias Curitiba em 2009 e 2010, organizados pela professora Dra Christiane Gioppo, e em outros encontros similares, mas com o enfoque na Filosofia da Ciência, organizados pelo professor Dr Eduardo Salles O. Barra, no Paço da Liberdade, Curitiba, embasaram alguns dos artigos publicados neste número.

O primeiro artigo, de autoria de Eduardo Salles O. Barra, “Quando criacionismo e evolucionismo tornam-se indistintos: lições a partir da crítica de David Hume às explicações da natureza em sua totalidade”, apresenta reflexões

sobre a polêmica entre criacionismo e evolucionismo a partir das análises filosóficas do livro *Deus, um delírio*, de Richard Dawkins (2007) compreendendo-o com uma tentativa de confrontar as teses criacionistas no domínio das questões metafísicas ou cosmológicas.

Já o segundo artigo, de Danislei Bertoni e Araci Asinelli da Luz, intitulado “Estilos de pensamento biológico sobre o fenômeno vida”, propõe discussões sobre o conceito de vida a partir de um olhar sobre os estilos de pensamento de Ludwik Fleck (1896-1961), que historicamente predominaram no modo de compreender o fenômeno vida. Ao investigar os estilos de pensamento biológico, focaram no estudo exploratório do contexto narrativo histórico-sociocultural e apontam a instauração, a extensão e a transformação de quatro estilos de pensamento biológico: i. descritivo; ii. mecanicista; iii. evolutivo; e iv. da manipulação genética.

O terceiro artigo de Tânia M. Cabral, Christiane Gioppo e Raquel I. Bueno, “O Gaiato no navio: Interfaces entre Literatura de Viagem e Ensino de Ciências”, analisa as interfaces pela discussão dos *Diários do Beagle*, escrito por Charles Darwin entre 1831 e 1836.

O quarto artigo, de Suzele Novossate, “Uma bola de neve rolou para o Vale do Ribeira! Nela havia cogumelos, professores, livros, crianças (além de duendes e sacis)”, compila estudos sobre a concepção de fungos dos estudantes da educação básica, os planejamentos de professores sobre o tema, a análise de livros didáticos de ciências, ao longo de três décadas, e as mudanças de classificação de fungos ao longo desse período, que nem sempre foi atualizada nos materiais didáticos utilizados.

O quinto, de Roberto Shiniti Fujii, “O RPG como ferramenta de ensino: as contribuições para a argumentação no ensino de Biologia”, apresenta o desenvolvimento e aplicação de um RPG com temática científica em uma turma de Ensino Médio e noutra de graduandos em Ciências Biológicas, cujos participantes responderam um questionário sobre hábitos sociais e culturais.

Os dados foram analisados à luz da Teoria Pragmadialética da Argumentação e os resultados indicaram que o jogo promove disputas de autoridade entre os jogadores para as tomadas de decisão.

Os dois artigos subsequentes discutem políticas educacionais. O sexto, de Giuliana Olivi Paredes, com o título “Ensino superior e a política de formação de professores a partir da nova LDB/1996”, compara as políticas de formação de professores nos governos de Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva. O sétimo, de Everaldo dos Santos, “Proficiência em Ciências ou Interpretação de Texto? Analisando matrizes e provas do novo Enem”, discute as matrizes e provas dos Enem entre 2007 e 2010 entendendo-as em seu papel de políticas públicas e, ao mesmo tempo, consolida suas abordagens “ocultas”.

Como último artigo deste número, e sem vínculo com o Café Científico, o texto de Wilson Alviano Jr., “Educação Anarquista no Brasil: Contexto Histórico-Social”, busca contextualizar as motivações dos militantes anarquistas brasileiros em relação à construção de uma pedagogia afinada com a perspectiva libertária, que pode provocar novos olhares aos sete primeiros trabalhos desta edição.

Este conjunto diverso de artigos possibilita novas reflexões sobre o papel da educação no contexto social.

Maria Cristina Pansera-de-Araújo  
Christiane Gioppo